


REVISÃO DE LIVROS / BOOK REVIEW

O Poder da Geografia, segundo Tim Marshall (2021)

The Power of Geography, according Tim Marshall (2021)

Pedro Miguel da Silva Fernandes, CEGOT – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, FLUC - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal,
pmsfebooks@gmail.com

 ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3873-5657>

Nesta recensão crítica lança-se uma reflexão ao mais recente trabalho de Tim Marshall. Intitula-se *O Poder da Geografia - Dez mapas que revelam o futuro do mundo*, tradução do título original *The Power of Geography – Ten maps that reveal the future of our world*. Foi editado em Portugal pela editora Desassossego, em outubro de 2021, com tradução a cargo de Susana Serrão. É uma obra atual, interessante, apelativa, de fácil leitura e capaz de atrair mesmo os menos interessados pelo tema, talvez pela forma como se encontra estruturada e até mesmo pela estética atrativa da capa, na qual se apresenta uma nuvem de palavras elucidativa quanto ao conteúdo com que o leitor se irá deparar. Os textos são claros, fluídos e caracterizados por uma linguagem jornalística de fácil compreensão, mesmo para os menos familiarizados com questões geopolíticas mais complexas, pelo que se incentiva a sua consulta.

O atual contexto, marcado por vários acontecimentos internacionais, é uma altura propícia para desenvolver esta leitura, sendo dirigida a pessoas das mais variadas áreas, o que lhes permitirá desenvolver uma reflexão territorial e geopolítica mais bem informada sobre o presente e o futuro.

O autor, Tim Marshall, é jornalista de profissão e especialista em relações internacionais, sendo um profundo conhecedor da geografia de inúmeros países, como se tem demonstrado nas suas obras. Ao longo da sua carreira como autor, publicou diversas obras no âmbito destas questões, das quais se pode destacar o famoso livro *Prisioneiros da Geografia*, em 2015, que acabou por se tornar num *bestseller* e uma importante referência na matéria, no qual se considera que as decisões políticas são tomadas em função da geografia de cada região. Destaca-se também, mais recentemente, *A Era dos Muros*, em 2020, na qual se debruçou na análise da forma como os muros erguidos entre países, acaba por acarretar profundos impactos. Ambos os livros indicados tiveram edição em Portugal, a cargo da editora Desassossego.

A obra que aqui se analisa, *O Poder da Geografia*, pode ser enquadrada como uma sequela da anterior, *Prisioneiros da Geografia*. O autor parte da ideia que a geografia

de cada região influencia de forma clara as decisões tomadas pelos seus líderes, com a qual concordamos. Também Kaplan (2013) defendia essa ideia no seu livro *A Vingança da Geografia*.

Nas palavras de Tim Marshall: “As escolhas que as pessoas fazem, agora e no futuro, nunca estão apartadas do seu contexto físico. O ponto de partida da história de qualquer país é a sua localização relativamente aos vizinhos, às rotas marítimas e aos recursos naturais” (p. 14-15).

Ao olharmos à nossa volta, ou para a História em geral, somos confrontados com casos elucidativos, em que o clima, os rios, as montanhas, entre outros exemplos, tiveram impactos significativos na humanidade, quer positivos quer negativos.

Na perspetiva da geografia económica, as empresas procuram criar negócios em locais que lhe proporcionem as melhores condições geográficas para o exercício da sua atividade. Podemos apontar alguns dos inúmeros exemplos: o caso de uma empresa que, tendo necessidade de fazer deslocar as suas mercadorias entre duas regiões por via terrestre, deve procurar situar-se em lugares com boas acessibilidades e vias de comunicação adequadas; uma empresa de aproveitamento de energia eólica deve instalar os aerogeradores em locais com suficiente intensidade de vento para permitir a geração de eletricidade, e que o acesso para o transporte dos equipamentos de grande dimensão para a construção do parque, possa ser desenvolvido de forma adequada; a qualidade e rentabilidade dos produtos agrícolas em empresas do setor primário, é influenciada pelas características/riqueza dos solos e pelas condições climatéricas.

A obra encontra-se estruturada em 10 empolgantes capítulos, cada um deles dedicado a uma determinada região, e até mesmo um deles, o último, e talvez o mais surpreendente de todos, dedicado ao espaço. Para cada uma das regiões, apresenta-se uma generosa incursão histórica, com apresentação de fatos, acontecimentos, conflitos e individualidades que aí desempenharam um papel de relevo. O autor complementa cada um dos capítulos, analisando a importância dessas regiões no presente e perspetivando o futuro. São avaliadas aquelas regiões que o autor, pela sua experiência sobre o tema, identifica como as mais relevantes no contexto geopolítico atual e futuro da humanidade, que de alguma forma serão responsáveis pela modelação do futuro. São consideradas as 10 seguintes: Austrália, Irão, Arábia Saudita, Reino Unido, Grécia, Turquia, Sael, Etiópia, Espanha e Espaço.

Cada leitor pode mesmo decidir qual(is) o(s) capítulo(s) em que tem mais interesse, e considerá-los de forma individual.

No primeiro caso, a Austrália, o autor é de opinião que o mapa Mercator se encontra desatualizado, considerando atualmente o oceano Índico como o centro do mundo, onde, de fato, muita coisa acontece, do ponto de vista económico e geopolítico. Sendo assim, a Austrália, que se localiza nesse centro “Indo-Pacífico”, entre a China e os EUA, fica numa posição estratégica de significativa importância, pelo que deve encetar negociações com ambas as partes, por forma a garantir a sustentabilidade da

sua economia no futuro, sugere Marshall. De acordo com Tomé (2019, p. 67), “...nos últimos anos, a noção “Indo-Pacífico” emergiu como concepção preferencial para certos atores, designadamente dirigentes do Quadrilateral Security Dialogue (Quad), isto é, Japão, Austrália, EUA e Índia”. Antes da atual guerra comercial que mantém com a China, a Austrália prosperou de forma muito significativa graças ao crescimento explosivo da China, constituindo durante décadas o seu maior fornecedor de recursos naturais, como o carvão e o gás. Segundo o autor: “A Austrália enfrenta escolhas difíceis, num equilíbrio prudente em que basta um passo em falso para haver consequências graves e duradouras numa região agora considerada a mais economicamente importante no mundo” (p. 45).

Na abordagem ao Irão, o autor salienta que as montanhas que cercam a região, servem de proteção contra entradas não desejadas, como que se trate de uma parede para com o mundo exterior. Na opinião de Dias (2019, p. 20), é um dos atores importantes no Cáucaso. Marshall refere-se ainda ao caráter revolucionário do Irão, e considera que: “Todavia, há uma conjuntura em que poderia abandonar esse papel a fim de salvar a revolução em casa. Em troca, os EUA garantiriam não procurar mudanças de regime no Irão, acabar com sanções unilaterais e, após restauração da diplomacia, trabalhar economicamente com o Irão no intuito de modernizar a indústria energética, e diplomaticamente para assegurar estabilidade regional.” (p. 74)

A Arábia Saudita, detentora de grandes reservas energéticas, teve sucesso graças ao fornecimento de petróleo, em larga escala, nomeadamente aos EUA. Concordamos com Pereira e Horn (2023, p. 5), quando se refere ao petróleo como “...o cerne da economia do país”. Marshall, e note-se que esta publicação é de 2021, anterior ao atual cenário de crise energética, considera que: “Contudo, perante o declínio da procura do petróleo e a maior independência energética por parte dos EUA, o interesse deste país no Médio Oriente irá esmorecer lentamente” (p. 15). O cenário mundial mudou e iremos ver, no futuro, qual será o papel da Arábia Saudita neste contexto. Eventualmente, poderá desempenhar um papel preponderante nos próximos tempos.

Quando analisa o Reino Unido, Marshall considera-o como uma potência de segundo nível, destaca a presença permanente na ONU, mas realça que ainda atravessa uma fase de indecisão. Na realidade, esta etapa do pós-Brexit é fundamental na tomada de decisões e criação de alianças estratégicas que terão importantes impactos no futuro da nação, nomeadamente, “...terá que rever tratados internacionais em que era representado pela EU.” (Lopes e Del Vecchio, 2022, p. 8).

A Grécia dispensa apresentações em termos de contributos para a Geografia, a sua história assim o mostra. Hoje é vista pelo autor como sendo de localização estratégica em termos de gasodutos, aliás, podemos dar como exemplo o gasoduto com a Bulgária. Tim Marshall considera também que a Grécia “está na linha da frente da crise migratória da Europa...” (p. 157). Tem sido comum encontrarmos na comunicação social relatos de migrações nesta região, é um dos países que, pela sua geografia, tem mais solicitações de asilo (do Amaral, 2021, p. 62).

A Turquia caracteriza-se por uma posição geográfica privilegiada, note-se que faz fronteira vários países, "...a soma total das suas fronteiras terrestres ascende a 2648 km, abrangendo oito países tão diversos como a Arménia, o Azerbaijão – no enclave do Nakhichevan, sem ligação com o restante território –, a Bulgária, a Geórgia, a Grécia, o Irão, o Iraque e a Síria" (Fernandes, 2005, p. 47) e tem presença em várias organizações multilaterais, como a NATO e a OCDE. Para Tim Marshall a Turquia procura assumir-se hoje como uma grande potência.

Em relação ao Sael, que representa uma faixa territorial abaixo do deserto do Saara, uma área de transição do deserto árido para a zona mais fértil, é uma região historicamente marcada por conflitos e problemas humanitários, pelo que se deduz da leitura. Na perspetiva de Marshall, a região está em crescimento e pode ser geradora de oportunidades. Sugere que os recursos encontrados no subsolo dos 5 países do Sael serão alvo de disputas geopolíticas pela sua posse. A implantação da Grande Muralha Verde pode ser uma solução para combater o avanço do deserto e o êxodo de populações. De acordo com Miranda (2022, p. 16), "...o programa tem a intenção de restaurar 250 milhões de acres de terras degradadas e consequentemente combater a fome, a seca, disputa por recursos naturais e imigração".

A Etiópia, após vários anos de obras, inaugurou a maior barragem de África, a denominada Grande Barragem do Renascimento (GBRE), localizada nas margens do rio Nilo Azul, um projeto de grande envergadura que fará aumentar de forma significativa a produção de eletricidade no país. Os vizinhos a jusante do projeto, Egipto e Sudão, desde o início das obras manifestaram o seu descontentamento, pois consideram que serão prejudicados no acesso à água, importante recurso na sobrevivência das suas culturas. Alguns anos antes, já Garcia e Zacarelli (2016, p. 261-262) sugeriam que fosse desenvolvida cooperação entre os países banhados pelo Nilo. Nas palavras de Tim Marshall: "A tecnologia permite à Etiópia vergar as grades da sua prisão geográfica" (p. 236). Considera mesmo que a Etiópia se trata de uma potência regional e sua estabilidade pode muito bem depender deste projeto. No fundo, pode-se dizer que estamos em presença de um cenário de geopolítica da água, sendo o famoso rio Nilo o centro de todas as atenções.

Na perspetiva da vizinha Espanha, Tim Marshall salienta a sua capacidade financeira, tendo mesmo sobrevivido ao colapso financeiro de 2008-2009, recuperando e tornando-se numa das maiores economias a nível da Europa. Não devemos esquecer que cresceu durante vários anos de forma muito significativa, até 2007, como se pode deduzir das considerações de Plihon e Rey (2013, p. 98). A pandemia da Covid-19 foi particularmente difícil para o país, como pudemos constatar. O autor, com o qual concordamos, considera que Espanha tem tudo para continuar a ser uma economia em franco crescimento e salienta a importância das energias renováveis, especialmente eólica e solar. Note-se que o país é líder europeu nesta área.

O Espaço é o último capítulo a ser analisado pelo autor, uma derradeira fronteira. Temos assistido nos últimos tempos a avanços significativos na corrida pelo espaço. Esta corrida tem como protagonistas grandes países, mas também empresas

privadas, interessadas fundamentalmente no potencial do denominado turismo espacial. Recentemente, temos constatado os desenvolvimentos proporcionados por Elon Musk, Jeff Bezos e Charles Branson nesta área. Para Tuzzo e Cirino (2022, p. 577), "...a busca dos empresários interessados nesse novo negócio é para incrementar novos negócios, que poderão lhes render ainda mais lucro,...". Tim Marshall alerta que: "...está o circo montado para uma perigosa corrida às armas de ponta, a menos que se aprenda com erros passados e se aceite os muitos benefícios da cooperação internacional." (p. 17).

Este livro fornece importante material histórico sobre várias regiões, que pode servir de fonte de ensinamento, pesquisa e referência para o futuro. Nota-se que foi produto de uma forte pesquisa e atesta um sólido conhecimento do autor em relação a cada uma das regiões abordadas.

Por outro lado, através desta leitura, somos levados a compreender que certos aspetos da geografia de determinada região devem ser vistos como uma oportunidade e não apenas como uma condicionante, como muitas vezes ainda acontece.

Para finalizar, pode-se dizer que este trabalho pode ser alargado a outros países/regiões no futuro, tanto mais que os acontecimentos que marcam a atualidade, com efeitos globais, conduzirão inevitavelmente a novos desenvolvimentos geopolíticos nos próximos tempos.

Bibliografia

- Dias, C. M. (2019). Geopolítica mundial. Algumas considerações sobre a situação atual. *Cidadania*, 59, 18-20.
- do Amaral, B. B. (2021). *A União Europeia como um ator diplomático global. O caso do fluxo migratório no Mediterrâneo: as discussões internas da UE*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fernandes, J. P. (2005). A Geopolítica da Turquia: um desafio às sociedades abertas da União Europeia. *Relações Internacionais*, 5, 47-60. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r5/RI5_JPTFernandes.pdf
- Garcia, T. D., & Zacareli, M. A. (2016). Geopolítica e diplomacia na Bacia Hidrográfica do Nilo. *Revista de Geopolítica*, 3(2), 248-262. Disponível em: <http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/53/62>
- Lopes, R. D., & Del Vecchio, V. A. (2022). BREXIT: os efeitos para a unidade do Reino Unido. *Research, Society and Development*, 11(8), 1-15. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.31021>
- Kaplan, R. (2013). *A vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Marshall, T (2021). *O Poder da Geografia – Dez mapas que revelam o futuro do mundo*. Porto Salvo: Editora Desassossego.
- Miranda, Q. M. (2022). *Mudanças climáticas no continente africano: sustentabilidade ambiental e o caso da Grande Muralha Verde*.

- Pereira, C. S., & Horn, T. H. (2023). Fluxos migratórios para a Arábia Saudita: A correlação entre a indústria petrolífera e a imigração em direção ao país. *Conversas & Controvérsias*, 10(1), e43456. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2023.1.43456>
- Plihon, D., & Rey, N. (2013). Espanha, Doze Anos De Miopia. *Boletim de Economia e Política Internacional*, 13, 95-105. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3347/10/bepi_13_Espanha.pdf
- Tomé, L. (2019). Espaço “Indo-Pacífico”: o fator China e motivações geopolíticas. *Nação e defesa*, 151, 66-100. Disponível em: <https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/nacao/Paginas/NeD151.aspx>
- Tuzzo, S. A., & Cirino, J. A. F. (2022). Entre o consumo dos cidadãos espaciais e dos sub-cidadãos: Reflexões sobre a pirâmide da cidadania midiática. *Comunicação Mídia e Consumo*, 19(56), 568-589. <https://doi.org/10.18568/cmc.v19i56.2642>

Artigo recebido em / Received on: 20/05/2023

Artigo aceite para publicação em / Accepted for publication on: 2/12/2023

Physis Terrae - Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente

<https://revistas.uminho.pt/index.php/physisterrae/index>